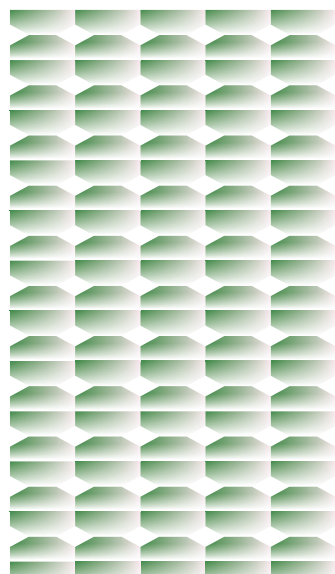
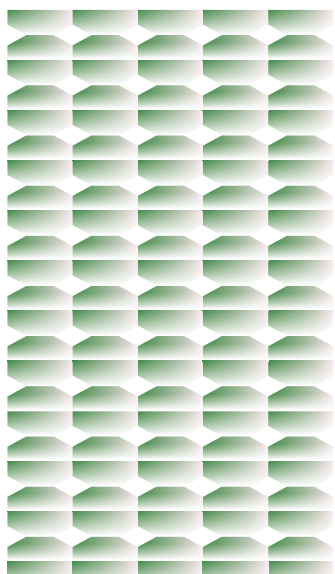


RESENHA



Comunicologia ou Mediologia? A fundação de um campo científico da comunicação

Ciro Marcondes Filho

A virada levinasiana de **Ciro Marcondes Filho**

Deodato Libanio

Universidade de São Paulo (USP)

<deodatorafael@usp.br>

A obra *Comunicologia ou Mediologia? A fundação de um campo científico da comunicação* foi a última obra publicada por **Ciro Marcondes Filho** pela editora Paulus. Mais do que reflexões teóricas sobre o comunicacional, a obra busca fundamentar o campo científico da comunicação delimitando suas especificidades ontológicas, aproximando-se da filosofia como saber originário e distinguindo-se da sociologia, da antropologia, da física etc. Trata-se de uma coletânea de artigos que nos traz reflexões sobre diversos aspectos da comunicação, para além da sua delimitação científica, como questões sobre estética, cinema, alteridade, ética, os *media*, dentre outros aspectos.

Para este texto, procuramos levantar uma hipótese de leitura. Acreditamos que após **Marcondes Filho** delimitar fenomenologicamente o campo da comunicação, ele passa progressivamente para uma direção distinta de seus resultados expostos nos primeiros capítulos, dando um novo rumo para a sua teoria da comunicação. Essa mudança pode ser percebida como uma intensa aproximação da ética, tendo como base a filosofia de Emmanuel Lévinas¹. Vejamos.

Marcondes Filho começa as suas discussões no capítulo um² delimitando a especificidade da ciência da comunicação, dado que, para uma ciência ser delimitada é necessário definir o seu objeto e o procedimento de pesquisa. Assim, o autor coloca que é por meio da relação entre o objeto e o procedimento de pesquisa que se pode alcançar um conhecimento, para que possa ser discutido entre os pares do campo, formando uma ciência em oposição ao senso comum (MARCONDES FILHO, 2018, p. 13).

No caso da comunicação, o seu objeto, o Ser da comunicação, deve levar aspas, pois não se trata de um objeto no estrito sentido do termo, porque o seu caráter é transitório, de modo que podemos apenas delimitar os elementos ontológicos comuns em cada revelação fenomênica da comunicação. Essa fundamentação deve-se a comunicação ser compreendida como um Ser “*no tempo*”, um “*está sendo*”, um durante, que não se reduz e se opõe ao

1 Vamos nos restringir as discussões que vão do capítulo um ao seis da obra. Ficaremos, portanto, nas discussões do âmbito da comunicologia.

2 Por que a comunicação constitui um “campo científico”?

“é”. Desse modo, não cabe levantar a questão *o que é a comunicação?*, mas sim podemos discutir *como a comunicação se dá?* ou *como se revela a comunicação?* (MARCONDES FILHO, 2018, p. 13).

A partir dessa abordagem, o acontecimento comunicacional é delimitado como um evento que provoca uma desestruturação do sujeito, capaz de leva-lo a um salto criativo (MARCONDES FILHO, 2018, p. 15). Justamente por isso, o comunicacional é sempre algo novo, misterioso, que não pode ser sondado e capturado pela empiria (MARCONDES FILHO, 2018, p. 15), mas que pode ser conhecido aproximadamente pelo seu “rastros” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 18). Nesse âmbito, de modo diferente de obras anteriores, Marcondes Filho investiu na ideia de incubação em sua construção. Essa ideia, delimita que para a revelação de um acontecimento não “basta o impacto” do encontro, pois é necessário um tempo de “incubação” que é um intervalo entre a percepção de um sinal intencional e a intuição da comunicação (MARCONDES FILHO, 2018, p. 16).

Nesse intervalo, após a percepção do tranco existencial, provocam-se pensamentos que podem fazer o sujeito rever os seus pressupostos e valores, podendo gerar uma intuição intelectual de que ele não é mais o mesmo após o ocorrido, então, aconteceu a comunicação. Caso contrário, esse evento apenas adicionou algo em sua vida, gerando uma informação. Percebe-se que é questionável dizer que Marcondes Filho fecha a comunicação no conceito de acontecimento, porque não existe a possibilidade de comunicação sem a sinalização intencional, que estabelece uma relação e que pode gerar uma informação, que é o que acontece de modo mais comum ou uma comunicação, um evento mais raro. Portanto, o comunicacional no pensamento de Marcondes Filho é a plena relação entre as aproximações e diferenças da sinalização, informação e do acontecimento comunicacional.

Dentre os elementos que constituem a comunicação, o acontecimento comunicacional é dotado de outra especificidade, que é o “incorpóreo”. Na interpretação do autor, o incorpóreo é entendido como uma espécie de *clinamen*, algo que nos “altera”, mas que não pode ser “capturado”, sendo que, é esse elemento estranho, próximo e distante, que torna a comunicação sempre algo novo e intriga os pesquisadores da área. Portanto, o estudo da comunicação deve se envolver nessa problemática, com o que resultou do encontro com o Outro e todo o “processo subjetivo, social, cultural, ideológico, afetivo” que envolvem essa transformação (MARCONDES FILHO, 2018, p. 18).

O problema é que essa forma de estrutura discursiva coloca o acontecimento comunicacional como o único problema da ciência da comunicação, deixando de lado o fenômeno da informação e a sinalização, que também fazem parte do estudo proposto por Marcondes Filho.

No segundo capítulo da obra,³ o autor aprofunda as discussões propostas do capítulo anterior, dando ênfase à questão da incubação. Ele fundamenta que o tempo de incubação é o momento fundamental da comunicação, constituindo-se como a própria “temporalidade do acontecimento comunicacional”, pois nesse momento ocorre um processo que no seu encerramento o sujeito pode intuir se ocorreu ou não a comunicação (MARCONDES FILHO, 2018, p. 28).

3 O que é “Tempo de incubação” em comunicação? Observações despretenhosas sobre o que é a comunicação na vida de uma pessoa.

O autor alerta, essa temporalidade não ocorre no âmbito de um sujeito fechado, mas sim de um sujeito aberto, porque é necessária a emissão de uma expressão intencional que chegue a uma pessoa que se permita afetar por algo novo, podendo ser influenciada e ter sua vida alterada por ele (MARCONDES FILHO, 2018, p. 28).

A partir dessas considerações, o autor irá postular que a perspectiva filosófica que é mais próxima da sua proposta de ciência da comunicação e, contudo, seria a sua fundadora, é a fenomenologia de Husserl. Marcondes Filho acredita que apenas a fenomenologia se dedica a “perscrutar como os fatos comunicacionais nos atingem, sem cair em procedimentos ou perspectivas psicológicas, ou mesmo das ciências cognitivas”, dando condições de olhar filosoficamente as nossas mudanças “diante do mundo” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 33). O autor alerta que não devemos nos voltar apenas para o pensamento de Husserl, mas devemos estar atentos as críticas a essa escola e aos filósofos que deram sequência ao trabalho, para incorporá-los no debate sobre a comunicação.

O que pode ser paradoxal nesse debate é delimitar o acontecimento comunicacional de forma tão complexa e reduzi-lo, em sua consumação, a um para si da consciência. Outro ponto é a centralidade colocada na incubação, ao tratá-la como um processo pode ser questionável continuar chamando, ao mesmo tempo, a comunicação de acontecimento. Ao nosso ver, processo e acontecimento são coisas distintas,⁴ pois o acontecimento é uma percepção estética, singular em sua organicidade; já o processo é algo lógico, estruturado, histórico, que se repete.

No capítulo quatro⁵ temos uma virada nas proposições de Marcondes Filho. As discussões sobre a ética passam a envolver todo do espectro do debate sobre a comunicação, em especial à guisa das discussões sobre a alteridade de Martin Buber e Emmanuel Levinas. O autor propõe um “*conceito unificador e operacional*” da comunicação, que é complementado nos dois capítulos seguintes, formando um núcleo a parte na obra (MARCONDES FILHO, 2018, p. 56).

A comunicação, entendida como um encontro com o estranho que nos provoca e é capaz de “produzir transformações em nós” (MARCONDES FILHO, 2018, pp. 59-60), aprofunda-se nesses escritos na questão da abertura ao Outro como ponto fundamental do comunicacional (MARCONDES FILHO, 2018, p. 64).

Quando nós nos abrimos ao Outro e estabelecemos uma relação, segundo o autor, não buscamos um dado específico, pelo contrário, abrimo-nos para os seus afetos, mesmo sabendo que jamais poderemos contê-lo ou captura-lo. Na verdade, é esse mistério que nos faz adentrar na relação. Esse encontro, não ocorre na mesma intensidade entre as partes, não há reciprocidade, porque cada uma vive a relação à sua maneira. Nesse contexto, o autor encontra um conceito fundamental de Levinas para a sua discussão, o feminino. Na leitura de Marcondes Filho, o feminino é uma categoria filosófica e não um atributo, capaz de representar “algo outro” na relação, sempre “inacessível”, que está sempre por vir e que não permite a posse (MARCONDES FILHO, 2018, p. 57).

Nesse momento, em nossa hipótese, o autor acaba por contrapor em partes os primeiros capítulos da obra, em que ele trabalha com a ideia de que o Ser da comunicação é *Dasein*.

4 Como, por exemplo, discute Foucault (1996, pp. 8-9, 21, 57-58).

5 Sobre comunicação com pessoas, animais e máquinas.

Agora, imergindo nas propostas de Lévinas, ele fundamenta o elemento ético da comunicação, propondo que o rosto de outrem é o caminho para o infinito, pois é por ele que deixamos “a materialidade da face pura e simples e atingimos a Face humana, a saber, a humanidade” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 57). Além disso, Marcondes Filho aponta que a nossa relação com o Outro está para além do carnal, do material, pois ele é vivo e nos torna possível uma “transcendência espiritual” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 58).

Nessa esteira, o autor fundamenta a responsividade, em oposição à responsabilidade⁶ de Lévinas, como o elemento moral da comunicação. O responsivo é aquele que, ao acolher outrem, solidarizando-se com face humana, atribui a ele a causa de seu estado, porém que não exige obrigatoriamente uma solidariedade, mas dá espaço para ela, porque o responsivo responde “ao outro”, diferente da responsabilidade, em que se responde “pelo outro” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 60).

No capítulo cinco,⁷ o autor dá continuidade ao debate sobre a alteridade dando ênfase na questão da abertura. Segundo o autor, podemos nos relacionar com o mundo de modo progressista ou conservador. No primeiro caso, estamos abertos a novas experiências, acolhemos o estranho e nos permitimos encontrar coisas novas, estamos no âmbito da comunicabilidade. No segundo caso, temos uma postura mais fechada, autocentrada, defensiva, que luta para manter a sua forma de vida, opinião e valores, aqui estamos no âmbito da informação (MARCONDES FILHO, 2018, p. 74).

Dando sequência em sua proposta, Marcondes Filho sintetiza a comunicação como “o encontro do Mesmo com o Outro e o Infinito”, uma delimitação inédita em sua obra, marcando uma forte aproximação entre comunicação e ética (MARCONDES FILHO, 2018, p. 81). O infinito, conceito que não fora debatido antes desse modo em sua obra, ganha a dimensão de um evento transgressor, pois o encontro com o Outro pode fazer com que reverbere no Mesmo infinitos e irreversíveis afetos, de modo que nenhum dos participantes da relação possa controlar esse devir⁸.

O capítulo seis⁹ fecha o segundo núcleo da obra. Marcondes Filho aprofunda as discussões e expande o campo de influências do pensamento de Emmanuel Lévinas em sua proposta, sugerindo que a ideia de feminino seja o paradigma da comunicação. Ele investe nessa direção por acreditar que a comunicação não é um “processo dual”, sincrônico ou recíproco, pelo contrário, a comunicação seria algo diacrônico, um “procedimento genuinamente ‘feminino’” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 83).

Marcondes Filho fundamenta essa proposta argumentado que a nossa relação com o mundo varia entre ipseidade e alteridade. Algo próximo ao que discutimos sobre o capítulo quatro, pois a ipseidade se refere a uma atuação fechada diante ao mundo, enquanto a alteridade a uma postura de abertura ao mundo, em que estaríamos dispostos a um esva-

⁶ Na visão de Marcondes Filho (2018, p. 59), a responsabilidade, para Levinas, fundamenta que somos responsáveis pelo Outro que acolhemos, mesmo por aquilo que não fazemos, fugindo do nosso controle e intensão.

⁷ Sem o outro, sem a alteridade, não é possível comunicar.

⁸ Para os leitores atentos de Levinas, não vemos aqui uma leitura fiel do filósofo, pelo contrário, Marcondes Filho trabalha com o autor na tentativa de construir a sua teoria da comunicação e não de fazer um comentário histórico-filosófico.

⁹ O feminino como paradigma da comunicação.

ziamento de nosso ipse, para que o Outro possa adentrar. Desse modo, o autor indica que o Mesmo e o Outro são instâncias absolutamente autônomas, que podem produzir na relação algo que não possuíam (MARCONDES FILHO, 2018, p. 83-85).

Dando sequência em sua arguição, o autor acredita que nas situações de sinalização intencional existe um desejo de se expressar, de colocar as ideias para fora, de tentar tocar o Outro, configurando o lado “masculino da comunicação”, pois ele entende que o “homem” é o sujeito que vai à campo, é ativo, um “emissor”, mas que sozinho não garante nada, nem informação, muito menos comunicação. No outro lado está quem realmente interessa à comunicação, o feminino, porque é a “mulher” que “cede se quiser, abre-se e recebe o outro se for convencida disso, é ela que detém o processo da comunicação”. Nessa perspectiva, o comunicacional seria o “espaço do feminino”, porque ele é abertura que acolhe o Outro e é capaz de incorporá-lo. Se no campo masculino a sinalização pode acontecer a todo o momento, no campo feminino a relação é consentida, ocorre um “processo raro”, pois muitos podem falar, mas poucos “querem ouvir”. Encerrando a analogia, o autor diz que os homens “investem em todas as mulheres possíveis, mas somente algumas os aceitam” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 88-89). Essa proposta, de fundo levinasiano, cai em todos os problemas relacionados ao sexismo, ao pudor judaico-cristão, aos impulsos que obrigam as mulheres a ficarem em situação de defesa e ao falocentrismo, repercutindo estereótipos ruins e violentos de nossa sociedade. O feminino como paradigma da comunicação aparenta ser um movimento retrógrado com relação às reflexões sobre gêneros e sexualidades no contemporâneo. Esse movimento, aparentemente, não tem a ver com a essência da proposta teórica da comunicação de Marcondes Filho, que é aberta ao novo, tem caráter progressista, é contra o conservadorismo e permite impulsos relevantes de grupos minoritários e *outsiders*.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicologia ou mediologia?: a fundação de um campo científico da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2018.

Data de recebimento: 30/03/2022

Data do aceite: 10/05/2022

Dados do autor:

Deodato Libanio

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6192830012812436>

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutorando (doutorado direto) do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes (Eca) da Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Pesquisa FiloCom da ECA-USP. Atualmente pesquisa a Nova Teoria da Comunicação, com ênfase na questão da ética da comunicação